



ADMINISTRAÇÃO
DA PESQUISA

MÉTODOS INTERPRETATIVISTAS EM ADMINISTRAÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA PESQUISADORES

INTERPRETATIVE METHODS IN ADMINISTRATION: IMPLICATIONS FOR RESEARCHERS

Sandra Regina Rocha-Pinto

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Angilberto Sabino Freitas

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Paulo Roberto Maisonnave

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Data de submissão: 09 nov. 2008 . **Data de aprovação:** 02 mar. 2010 . **Sistema de avaliação:** Double blind review . Universidade FUMEC / FACE . Prof. Dr. Cid Gonçalves Filho . Prof. Dr. Luiz Cláudio Vieira de Oliveira . Prof. Dr. Mário Teixeira Reis Neto

RESUMO

O pesquisador, no processo de condução de uma pesquisa, busca: entender a relação entre conceitos, propor e testar hipóteses ou gerar novas proposições. Mas, o que é teoria em ciências sociais? Outra questão que aflige os pesquisadores, principalmente aqueles em estágios iniciais de pesquisas, é: como garantir o conhecimento suficiente para ser capaz tanto de identificar um problema de pesquisa quanto de gerar hipóteses testáveis? Essas questões convidam a refletir sobre que alternativas há para se fazer pesquisa em contraponto à abordagem tradicional, e esse é o objetivo desse ensaio. Para tanto, buscou-se: a) comparar duas abordagens interpretativistas: a fenomenologia e a *grounded theory*; b) buscar suas semelhanças e diferenças para, então; c) formular reflexões em dois eixos temáticos: as divergências e convergências entre as tradições apresentadas e as implicações para o pesquisador no “fazer” pesquisa interpretativista.

PALAVRAS-CHAVE

Abordagens interpretativistas. Método fenomenológico. *Grounded theory*.

ABSTRACT

The researcher, in the process of conducting a research, pursues: understanding the relationship between concepts, propose and test hypotheses likely to change old theories or generate new propositions to explain the phenomenon under investigation. But what is a theory in social sciences? Another issue that afflicts the researchers, especially beginners, in the early stages of research, is: How could someone have sufficient knowledge to be

able both to identify a problem as generating hypotheses? These issues call to reflect on what alternatives there are to do research in contrast to the traditional approach, and that is the objective of this essay. In order to do that is proposed: a) compare two interpretative approaches: the phenomenology and the grounded theory b) look for their similarities and differences, then, c) make reflections on two thematic subjects: the differences and similarities between the traditions and the implications for the researcher in the "how" to make interpretative research..

KEYWORDS

Interpretative approaches. Phenomenological method. Grounded theory.

INTRODUÇÃO

O pesquisador, no processo de condução de uma pesquisa acadêmica, busca: entender a relação entre conceitos, propor e testar hipóteses passíveis de modificar teorias vigentes ou, gerar novas proposições para explicar o fenômeno sob investigação. Mas, o que é uma teoria em ciências sociais? Segundo Glaser e Strauss (1967), os propósitos de uma teoria para as ciências sociais são: prever e explicar; contribuir para o avanço das ciências; ser utilizada em aplicações práticas; fornecer uma perspectiva a respeito de um comportamento; servir de guia, ao mesmo tempo em que proporciona um estilo para pesquisas em uma área particular de comportamento. Nessa perspectiva, uma teoria em ciências sociais pode ser vista como uma estratégia para manusear dados em pesquisas, a fim de proporcionar formas de conceitualização com o objetivo de descrever e explicar um fenômeno. Além do mais, uma teoria pode ser classificada como substantiva ou formal. A diferença entre as duas reside no fato de que, enquanto a substantiva se refere a um fenômeno ou uma área de estudo em particular, não indo além do que está sob investigação, a formal tem o poder explanatório de aplicar seus conceitos a um mesmo fenômeno que ocorre em áreas distintas (GLASER; STRAUSS, 1967; GOULDING, 2002; LOCKE, 2001). Ademais, a estratégia de

gerar teorias é guiada pela visão que o pesquisador tem do mundo: o paradigma que irá guiá-lo nas escolhas do curso da pesquisa (CRESWELL, 1998).

No contexto acadêmico, uma das questões que aflige os pesquisadores, principalmente os que se encontram em estágios iniciais de pesquisas, é: como ter o conhecimento suficiente de uma área para, assim, ser capaz tanto de identificar um problema de pesquisa quanto de gerar hipóteses testáveis? A esse respeito, é comum perceber a inquietação do novo pesquisador, lutando para redigir um projeto de pesquisa em que, muitas vezes, lhe falta conhecimento para definir: problema, hipóteses e metodologia a ser adotada. Essa questão leva a refletir sobre que alternativas há para se começar uma pesquisa sem a necessidade inicial de se gerar e testar hipóteses, por meio do método tradicional. Alternativas essas que permitiriam ao pesquisador, à medida que o trabalho fosse se desenvolvendo, uma flexibilidade metodológica para que o processo de pesquisa fosse se adequando aos resultados obtidos a partir dos dados coletados. Em outras palavras: que alternativas teria o pesquisador para suas inquietações, sobre um fenômeno em particular, que o levasse a investigar sem ter que necessariamente usar a metodologia tradicional? De que forma a coleta e análise de dados poderia

ser feita com vistas a uma melhor compreensão de um fenômeno, para, então, ser possível a geração de hipóteses e teorias com o intuito de proceder à verificação dessas? Esse é um dos enfrentamentos que vivem os pesquisadores em seus projetos de dissertações e teses, principalmente dentro do ambiente das escolas de gestão, onde, na maioria dos casos, realizam-se pesquisas sob a tradição positivista, paradigma do método hipotético-dedutivo.

Diante disso, e concordando com Santos e Pinto (2007), de que é possível se observar, nos últimos anos, um substantivo incremento do debate sobre questões epistemológicas e metodológicas, esse ensaio se propõe a, mediante a comparação de dois enfoques interpretativistas, a *grounded theory* e a fenomenologia, ressaltar os dilemas enfrentados por aqueles pesquisadores que se propõem a utilizar um método “exótico” (SANTOS; PINTO, 2007) em detrimento do “normal”.

O MÉTODO FENOMENOLÓGICO: ORIGENS, PRESSUPOSTOS E PROCEDIMENTOS

As origens e os pressupostos

Nas ciências sociais, a fenomenologia, antes sinônimo de “qualquer coisa diferente do positivismo” (REMENYI *et al.*, 1998), alcançou maior rigor conceitual e metodológico (EMBREE, 2001). A esse respeito, enquanto Moustakas (1994) refere-se à fenomenologia como a criação da realidade com base nas percepções de cada indivíduo, Van Manen (1990) lembra que um pesquisador de ciências humanas é um acadêmico: um observador sensível das legendas da vida cotidiana e, também, um leitor ávido de textos relevantes sobre humanidades, história, filosofia, antropologia, ciências sociais (VAN MANEN, 1990).

Por sua vez, Moreira (2002) considera que a pesquisa qualitativa emana da própria escolha por

uma perspectiva fenomenológica e se caracteriza por três fundamentos principais: (1) o conhecimento é construído ativamente e surge do exame dos constructos internos das pessoas, manifestados na linguagem; (2) o pesquisador confia em uma dinâmica de observação e busca manter intactas as perspectivas dos participantes; (3) o investigador procura descrever e interpretar as formas pelas quais as pessoas relacionam experiências (o fenômeno que o sujeito vivenciou), significados (aquilo que ele acredita ter experimentado), linguagem (aquilo que ele diz ter vivenciado) e comportamentos (o que ele fez durante a experiência). Acrescentam Maisonnave e Rocha-Pinto (2007) que a fenomenologia, como método, deriva-se da filosofia fenomenológica cujos pioneiros foram os filósofos alemães Franz Brentano (1838-1917) e Edmund Husserl (1859-1938). Após esses, outros pensadores contemporâneos como Heidegger, Gadamer, Sartre e Merleau-Ponty percorreram a mesma trilha.

Por sua vez, Moreira (2002) ensina que Husserl, a partir de sua formação matemática e vivendo em uma Europa onde o sentimento era de crise da ciência moderna, formulou as linhas gerais da fenomenologia. Naquela época, Husserl acreditava que apenas uma nova e fundamental ciência seria capaz de ajudar o cientista objetivo na clarificação e crítica de seus conceitos. Especificamente, Husserl defendia o rigor e radicalismo filosófico em busca da essência do fenômeno, contrapondo-se ao naturalismo e à ciência moderna, reduzidos ao estudo de meros fatos. O foco principal de Husserl foi estudar o fenômeno da forma como se apresenta na consciência. Essa consciência é a ligação intencional entre o homem e o mundo e serve como ponto inicial para a compreensão de uma realidade particular (LAVERTY, 2003).

A aplicação do método

Maisonnave e Rocha-Pinto (2007), alinhados a Moreira (2002), consideram que a passagem

de um método filosófico para um método empírico não é tarefa simples, na medida em que os métodos se encontram em campos de reflexão muito diferentes. Dessa forma, prosseguem Maisonnave e Rocha-Pinto (2007), o método empírico exige do pesquisador uma situação apropriada, ou seja, uma metodologia orientadora da coleta e análise de dados para responder à pergunta de pesquisa. A esse respeito, Sanders (1982) considera que não existe um procedimento ortodoxo que pode ser mantido e assegurado como o método fenomenológico. Endossa-se, contudo, a noção de que o método fenomenológico é uma forma de investigação crítica, sistemática e rigorosa, empregada sempre que se queira destacar a experiência de vida das pessoas (MOREIRA, 2002; VAN MANEN, 1990). Ademais, o método fenomenológico admite muitas variações como as propostas por Sanders (1982) e Moustakas (1994), pois “ao se transpor o fosso entre a Filosofia e a prática da pesquisa, será normal o aparecimento de muitas variantes do método fenomenológico” (MOREIRA, 2002, p. 117).

O método fenomenológico demanda que a experiência manifestada por meio da linguagem dos participantes do estudo seja julgada como sendo o principal insumo do processo da pesquisa. Nessa perspectiva, a palavra dos sujeitos pesquisados deve ser a fonte primária de dados (REMENYI *et al.*, 1998), utilizando mais a linguística do que a análise estatística (CRESWELL, 1998); ou seja, na pesquisa fenomenológica, a ênfase sempre reside no significado da experiência vivida; a questão da fenomenologia é “tomar emprestadas” as experiências alheias, a fim de melhor ser capaz de alcançar a compreensão do significado mais profundo de um aspecto da experiência humana no contexto da totalidade dessa experiência (VAN MANEN, 1990). Além disso, cabe destacar que dois conceitos são cruciais para o emprego do método fenomenológico: a redução fenomenológica e a redução eidética.

A redução fenomenológica

A perspectiva fenomenológica propõe que o pesquisador se esforce para deixar de lado ideias preconcebidas (REMENYI *et al.*, 1998; VAN MANEN, 1990). A redução fenomenológica tem o objetivo de obter uma descrição conceitual rica da experiência, na qual, deliberada e propositalmente, o pesquisador se abre para o fenômeno (GROENEWALD, 2004). Husserl, matemático de formação, utilizou o termo *bracketing* – colocar entre parênteses – para designar essa suspensão de pressuposições, além do termo grego *epoché*. A principal vantagem da utilização da *epoché* é colocar de lado as ideias preexistentes ou preconcebidas do pesquisador sobre o fenômeno investigado (IDHE, 1986). O processo consiste, então, em uma profunda análise no sentido de identificar e invalidar, inibir e desqualificar todo o comprometimento com relação ao conhecimento e experiência anteriores (SCHMITT, 1967). “Na *epoché*, o filósofo não duvida da existência do mundo, mas essa existência deve ser colocada entre parênteses, exatamente porque o mundo existente não é o tema verdadeiro da fenomenologia” (MOREIRA, 2002, p. 88).

Apesar de controverso, o conceito de redução fenomenológica é amplamente utilizado no método empírico fenomenológico. Os primeiros trabalhos fenomenológicos de Husserl referiam-se diretamente à *epoché* sem, no entanto, adotar seu sentido primitivo (MOREIRA, 2002). Por sua vez, Heidegger (1962) considera ser impossível simplesmente colocar de lado os pré-conceitos e pressuposições. Contudo, considerando a fenomenologia como um método subjetivista de investigação científica (BURRELL; MORGAN, 1979) em que todos os pressupostos e julgamentos são abandonados, permitindo que o conhecimento possa nascer da experiência do pesquisador com a essência de seu objeto de pesquisa (CRESWELL, 1998; REMENYI *et al.*, 1998), pode-se afirmar que há, entre os autores fenomenológicos, o senso

comum da necessidade da “suspensão de julgamento” do pesquisador. Por sua vez, Moustakas (1994) considera que, para praticar a *epoché*, deve-se focar uma situação, pessoa ou tema, assim como rever sentimentos e pensamentos emergentes. Por meio dessa prática, preconceitos e vieses são revelados, compreendidos e postos de lado e, da mesma forma, pessoas ou temas são revistos com nova visão. O processo é recorrente até que haja certeza de que as experiências serão vistas “como elas realmente são”. A esse respeito, cabe destacar que, na medida em que a análise de dados em pesquisas fenomenológicas segue um processo que se inicia com a experiência vivida por outra(s) pessoa(s), essa experiência é capturada pelo pesquisador, por meio de relatos normalmente obtidos por entrevistas. Esses relatos, depois de transformados em textos, são analisados e deles se extraem os temas que, por sua vez, são trabalhados e, mediante um processo de síntese criativa, geram o produto final do processo: o texto fenomenológico (GROHMANN, 2005).

A redução eidética

Outro componente importante da metodologia fenomenológica é a chamada redução eidética ou a procura pela essência. É nessa fase que o pesquisador descreve a essência, a estrutura invariante da experiência reconhecendo que há um significado único do fenômeno (CRESWELL, 1998). A procura dessa essência é traduzida sob forma de *clusters*, *insights* ou conjunto de temas a partir da compreensão dos relatos dos pesquisados. A redução eidética é a forma pela qual o pesquisador se moverá dos objetos individuais e concretos para o domínio das essências puras, atingindo a sua estrutura essencial e invariável (MOREIRA, 2002). Segundo Sanders (1982), é o ato que passa da expressão concreta de um fenômeno particular à essência “pura”. Nessa etapa, inicia-se a busca de significados. Tais significados emergem por meio da indagação

sistemática aos dados codificados. Portanto, codificar, categorizar em polos significativos, analisar e interpretar os dados coletados representa, conforme lembram Silva, Rebelo e Cunha (2003), aspectos fortemente imbricados de uma mesma tarefa: desvelar o significado dos dados. Nessa medida, a análise é um processo que procura dar sentido aos dados. Esse empreendimento envolve a consolidação, a redução e a interpretação tanto do que as pessoas disseram quanto daquilo que o pesquisador observou e leu (SILVA; REBELO; CUNHA, 2003); representa, portanto, “uma formidável tarefa para os pesquisadores qualitativos” (CRESWELL, 1998).

GROUNDLED THEORY: ORIGEM, PRESSUPOSTOS E APLICAÇÃO

As origens e os pressupostos

Os criadores da *grounded theory* criticam o método tradicional aplicado às ciências sociais, na medida em que os dados coletados podem não se adequar integralmente às deduções e hipóteses feitas *a priori*. Essa contingência leva, muitas vezes, o pesquisador a ter que “ajustar” os resultados para que haja uma adequação às hipóteses. Glaser e Strauss (1967) argumentam que a adequação de uma teoria não pode estar divorciada do processo que a gerou, e propõem uma técnica de gerar uma teoria à medida que os dados vão sendo coletados e analisados, resultando em uma harmonização e adequação com a teoria emergente. Em outras palavras, por meio de uma análise sistemática dos dados, hipóteses e conceitos são construídos durante o processo de pesquisa, levando à geração de teorias que, em seguida, podem ser verificadas empiricamente. Outra argumentação acerca da abordagem tradicional é que as grandes teorias surgidas nas ciências sociais não são fruto de análises de dados, mas de abstrações de seus criadores. Entretanto, a aplicação dessas grandes teorias às estruturas sociais atuais, em muitos casos, não se adaptam

às situações particulares da realidade: falta um ajuste entre dados e teoria. Dessa forma, a *grounded theory* propõe que o pesquisador adote um método de análise de um fenômeno em particular, onde a teoria seja um processo emergente dos dados.

Outro argumento usado para essa discussão, trazido por Glaser e Strauss (1967), diz respeito à diferença entre verificação e geração de teoria. Segundo eles, a abordagem tradicional estaria mais ligada a um processo de verificação, mais adequado aos métodos de coleta e análise de dados quantitativos e análises estatísticas complexas. Por outro lado, argumentam que a geração de teorias estaria mais ligada à análise de dados qualitativos, permitindo uma avaliação mais complexa das nuances do fenômeno. Entretanto, Glaser e Strauss (1967) não descartam a utilização de dados quantitativos no processo de gerar teorias, argumentando que o método deve se utilizar de todos os dados disponíveis: qualitativos na geração de teorias e quantitativos para verificação e validação ou não dessas (GLASER; STRAUSS, 1967). Contudo, Glaser e Strauss (1967) esclarecem que o foco da *grounded theory* é a geração de novas teorias com a utilização de dados qualitativos. Esse foco é justificado porque, em ciências sociais, métodos qualitativos são mais adequados a capturar informações e particularidades acerca de aspectos como condições estruturais, normas, processos, padrões e sistemas envolvidos nos ambientes sociais. Além do mais, a flexibilidade de pesquisas com dados qualitativos oferece ao pesquisador a possibilidade de seguir pistas à medida que elas vão surgindo. A *grounded theory* aumenta essa flexibilidade, ao mesmo tempo em que mantém o pesquisador focado no problema de pesquisa (CHARMAZ, 2006).

Acrescenta-se, ainda, que a distinção entre a verificação ou a geração de teorias pode ser feita da seguinte forma: no primeiro caso, tem-se que evidências são coletadas de outros grupos

comparativos - sejam nações, organizações, processos etc. - e são usadas para verificar se as evidências iniciais (ou hipóteses propostas) estão corretas. Dessa forma, fatos são replicados (internamente e externamente ao estudo). Esse processo, concordam os cientistas sociais, é a melhor forma de validá-las. Aqui o foco do pesquisador está na verificação de hipóteses previamente levantadas, resultado de uma extensa revisão de hiatos da literatura nas teorias existentes. Assim, raramente o pesquisador gera novas teorias, sendo que sua contribuição reside no fato de prestar um serviço de confirmar, refutar ou modificar teorias existentes (GLASER; STRAUSS, 1967). A crítica que se faz é que esse foco em checagem e verificação empírica pode resultar em um bloqueio na geração de novas teorias, pois o resultado final são fragmentos de teorias bem testadas que apenas representam parcialmente o que está acontecendo na situação sob investigação. No segundo caso, a geração de novas teorias, categorias conceituais (e suas propriedades) são geradas diretamente de evidências coletadas. Então, a evidência da qual a categoria emergiu é usada para ilustrar o conceito (GLASER; STRAUSS, 1967). Ao definir as fronteiras de aplicação da teoria emergente, aumenta-se o poder explanatório dos conceitos e sua força de previsão. E comparando-a com situações e fatos que são similares, ou diferentes, o pesquisador pode gerar propriedades de categorias que aumentam a generalidade das categorias e seu poder explanatório, resultando na generalização da teoria inicialmente proposta.

A aplicação do método

Apesar das divergências entre seus criadores, o processo da *grounded theory* consiste em uma coleta direcionada de dados, concomitante com sua análise (GLASER; STRAUSS, 1967; CORBIN; STRAUSS, 2008). Charmaz (2006), em sua descrição, afirma que a *grounded theory* não é um pacote de regras e prescrições, mas um

conjunto de princípios e práticas que guiam o pesquisador no curso de uma investigação e na maneira de ver o mundo. Segundo Charmaz (2006), a metodologia de pesquisa deve se basear na análise da ação, realizada baseada no conceito de “processo social básico”, que são padrões sistematicamente uniformizados de vida social, e podem ser conceitualmente capturados. Para a autora, a *grounded theory* serve a dois propósitos: 1) uma forma de aprendermos sobre o mundo que estudamos e 2) um método para desenvolver teorias para compreendê-lo. Em outras palavras, isso quer dizer que a *grounded theory* oferece formas de se interpretar o mundo em que vivemos e está sob investigação, e não como uma metodologia que oferece um retrato estático desse mundo. Dessa forma, se coloca em oposição à metodologia tradicional.

Outro aspecto relevante diz respeito à justificativa inicial da *grounded theory* para não se fazer a revisão bibliográfica *a priori*. A premissa por trás dessa condição é a de que conceitos preconcebidos podem prejudicar a pesquisa, impedindo que o pesquisador tenha um olhar imparcial do que esteja acontecendo ao seu redor enquanto analisa o fenômeno, inibindo seu poder de abstração (GLASER; STRAUSS, 1967). Entretanto, Clarke (2005) critica essa exigência de “desconhecimento” da literatura, afirmando que é impossível que o pesquisador entre em uma área para fazer uma investigação sem qualquer conhecimento prévio ou algo já preconcebido. Sobre esse aspecto, Glaser sugeriu, em 1978, o conceito de sensibilidade teórica, que diz respeito à criatividade do pesquisador na identificação, construção e mediação dos conceitos que compõem a teoria (GLASER, 1978). O pesquisador deve usar a sensibilidade teórica para dar significado aos dados e ser capaz de separar o que é importante para a pesquisa e o que não é. E isso é desenvolvido a partir do conhecimento

científico acumulado pelo pesquisador, sua experiência profissional e pessoal (LOCKE, 2001).

Na medida em que a análise de dados é uma questão central na *grounded theory*, visto que a teoria emerge dos dados, duas tarefas são fundamentais para o pesquisador nesse processo: a elaboração de questionamentos sobre os possíveis significados e a utilização do método de constante comparação. O objetivo é permitir ao pesquisador a busca de categorias e suas propriedades e a formulação das hipóteses e relações generalizadas entre elas (CORBIN; STRAUSS, 2008). As categorias são os elementos conceituais de uma teoria, enquanto que as propriedades são as características das categorias, que variam em dimensões dentro de um *continuum* (CORBIN; STRAUSS, 2008).

O processo de comparação constante proposto por Glaser e Strauss (1967) pode ser dividido em quatro etapas: 1) comparação de incidentes aplicados a cada categoria; 2) a integração das categorias e suas propriedades; 3) a delimitação da teoria; e 4) a redação da teoria (GLASER; STRAUSS, 1967). Esse processo permite uma constante comparação e análise dos dados à medida que o investigador avança em seus estudos, resultando na geração de propriedades teóricas que ao final do processo irá gerar a nova teoria.

O passo inicial para iniciar a pesquisa é a definição da amostra a ser pesquisada. Dentro desse processo de escolha, o pesquisador deve cuidadosamente definir qual é a unidade de análise que representa o fenômeno sob investigação, procurando qualquer grupo que o ajude a gerar quantas categorias (e propriedades) forem necessárias para caracterizar o fenômeno. Essa escolha direcionada é chamada, em *grounded theory*, de amostragem teórica. O processo de coleta de dados é controlado pela teoria emergente e é guiado pelas preocupações de pesquisa (AUERBACH; SILVERSTEIN, 2003).

As decisões iniciais para começar o processo de coleta de dados partem de pressupostos gerais ou de um problema levantado pelo(a) pesquisador (a) a respeito de um determinado fenômeno pertinente a uma área (CHARMAZ, 2006). A ideia é deixar o problema de pesquisa nortear a coleta de dados. Essa decisão inicial não é baseada, necessariamente, em um referencial teórico previamente concebido (GLASER; STRAUSS, 1967)

Em decorrência do fato de ter liberdade de escolha e comparação de qualquer grupo, o pesquisador coloca a relevância teórica como prioridade no processo, e essa premissa controla, com rigor, o processo de coleta de dados sem esconder qualquer aspecto que possa ser relevante para a pesquisa (GLASER; STRAUSS, 1967). Em *grounded theory*, não há planejamento prévio para a coleta de dados futuros, uma vez que tanto a coleta futura quanto a escolha amostral dependem da coleta e análise de dados previamente obtidos (GLASER; STRAUSS, 1967). O que se deve ter em mente é que o processo de coleta e a análise de dados devem caminhar de forma conjunta e concomitante com o objetivo de geração de uma teoria resultante desse processo. Assim, o pesquisador pode constantemente ajustar seu processo de coleta para assegurar a relevância dos dados para a teoria emergente (GLASER; STRAUSS, 1967).

Para se chegar às categorias e à conceituação teórica, o pesquisador deve seguir um processo de codificação de dados divididos em três fases: codificação aberta, codificação axial e codificação seletiva. Na codificação aberta, o pesquisador fragmenta os dados em pequenas unidades de análises, chamadas de incidentes ou eventos, categorizando-as de acordo com a percepção do significado que se tem dos dados. Por meio de constante comparação de similaridades e diferenças entre os eventos e incidentes encontrados, o pesquisador descobre propriedades e dimensões das categorias, fruto

da classificação dos códigos classificados em temas semelhantes. Nesse nível mais baixo, a codificação tem por objetivo delinear conceitos em termos de propriedades e dimensões (CORBIN; STRAUSS, 2008). Na segunda fase, a codificação axial, o pesquisador passa para um nível intermediário de abstração, buscando a relação entre as categorias e subcategorias para formar a base para sua construção teórica. Nessa etapa, se nota uma divergência entre Glaser e Strauss, uma vez que o primeiro não considera essa etapa em seu procedimento metodológico (LOCKE, 2001). Finalmente, o pesquisador exercita a codificação seletiva, que é o último nível de abstração, onde irá buscar a categoria central da teoria na qual todas as outras estão relacionadas. Nesse nível de abstração teórica, a categoria central deve ser capaz de integrar todas as outras categorias e expressar a essência do fenômeno sob investigação.

CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE AS DUAS TRADIÇÕES DE PESQUISA

Creswell (1998) faz uma distinção entre a *grounded theory* e fenomenologia, a despeito de as duas tradições de pesquisa enfatizarem o significado das experiências para os envolvidos. Segundo ele, a *grounded theory* vai além da fenomenologia, pois seu objetivo principal é a geração de uma nova teoria relacionada à área estudada, ou seja, busca oferecer um esquema abstrato analítico do processo sob investigação. Além disso, enquanto na *grounded theory* não há planejamento prévio para a coleta de dados futuros, uma vez que a coleta futura e a escolha amostral vão depender da coleta e análise de dados previamente obtidos (GLASER; STRAUSS, 1967), na fenomenologia, os sujeitos são selecionados *a priori* e, necessariamente, deverão pertencer ao mesmo campo onde o fenômeno sob investigação ocorre. Dessa forma, impõe-se ao pesquisador ser criterioso quando da seleção dos sujeitos de pesquisa.

Ademais, na *grounded theory*, há que se observar que a coleta e a análise de dados devem caminhar de forma conjunta e concomitantes com o objetivo de geração de uma teoria resultante desse processo. Assim, o pesquisador pode constantemente ajustar o processo de coleta para assegurar a relevância dos dados para a teoria emergente (GLASER; STRAUSS, 1967). Por sua vez, quando do emprego do método fenomenológico, o pesquisador, a partir de uma questão central, mergulha no campo de pesquisa, “toma emprestada” a percepção dos sujeitos envolvidos com o fenômeno para, assim, sistematizar o processo de redução eidética, retirando do texto - a sua unidade de análise -, tal e qual um escultor, tudo aquilo que não diz respeito à essência revelada.

O processo de redução eidética, na fenomenologia, e o de categorização/codificação, na *grounded theory*, são semelhantes no que diz respeito à busca das propriedades e suas dimensões. Portanto, requerem criatividade e *insights*. Enquanto na fenomenologia a essência disparará uma proposição acerca do fenômeno investigado e a busca por uma teoria para o estabelecimento de convergências ou divergências, na *grounded theory*, a teoria será substantivamente retirada dos dados analisados. Contudo, em ambas, cabe o processo de verificação das proposições estabelecidas a partir das revelações do campo. Cabe ainda registrar, o exemplo de Santos e Pinto (2007, p.13), que também cotejaram diferenças e aproximações entre as duas tradições. Enquanto na fenomenologia o pesquisador se restringe a tomar, “como dados legítimos”, apenas as narrativas daqueles que vivenciaram o fenômeno, na *grounded theory* recorre-se a várias fontes de dados que podem ser de natureza primária ou secundária. Nesse sentido, o processo de amostragem é teórico, ou seja, orienta-se pela teoria que gradativamente emerge ao longo da pesquisa empreendida. É comum, portanto,

encontrar uma série de “espaços em branco” ou mesmo alguns “furos” na teoria em construção. Dessa forma, impõe-se um retorno ao campo a fim de encontrar dados que deem conta do fornecimento das “peças” necessárias à montagem final do “quebra-cabeça” (SANTOS; PINTO, 2007). Destaca-se, ainda, que as duas tradições de pesquisa apresentam cisões ontológicas e epistemológicas. Enquanto na fenomenologia encontram-se, de um lado, os transcendentais, que julgam ser possível a prática da redução fenomenológica, e os existencialistas, que consideram impossível retirar do sujeito a sua forma de apreensão do mundo, na *grounded theory*, apesar de ter surgido sob a égide do paradigma positivista (GLASER, STRAUSS, 1967), percebe-se como um de seus pressupostos o interacionismo simbólico (MELTZER *et al.*, 1975), o que lhe empresta certo grau de interpretacionismo e, conseqüentemente, aspectos subjetivistas, apesar de, na literatura, a discussão sobre o método poder ser usada tanto sob uma abordagem objetivista, quanto sob uma abordagem interpretativista (CHARMAZ, 2006).

AS IMPLICAÇÕES PARA O PESQUISADOR

Moreira (2002) observa que a viabilidade de trabalhar com pesquisa qualitativa, dando-lhe o caráter de ciência verdadeira, desperta controvérsias. Diante disso, consideram Maisonave e Rocha-Pinto (2007) que se impõe ao pesquisador apontar o rigor metodológico empregado na pesquisa e demonstrar a análise da validade interna e externa do método. Por outro lado, diversos autores concordam que a abordagem empiricista, na pesquisa acadêmica, está claramente dividida em dois paradigmas:¹ o positivismo (ou estruturalismo) e a fenomenologia (ou interpretacionismo). Uma vez que o

¹ O termo paradigma é aqui utilizado em seu sentido filosófico, ou seja, para denotar uma implícita ou explícita visão da realidade. (MORGAN; SMIRICH, 1980).

pesquisador faz a escolha entre o positivismo e a fenomenologia, por exemplo, é comum encontrar uma aderência extrema a uma das abordagens metodológicas, às vezes resultando em um debate fervoroso a esse respeito (REMENYI *et al.*, 1998). Nesse embate entre as duas tradições, ainda prevalece a visão dicotômica e maniqueísta, a partir da qual só é possível escolher entre dois extremos opostos e mutuamente excludentes. Apesar disso, percebe-se, no campo da administração, um aumento da aplicação de metodologias interpretativistas, como no caso dos trabalhos de Bandeira-de-Mello (2003), em estratégia; de Petrini, Pozzebon e Meirelles (2007), em sistemas de informação, que usaram a *grounded theory*; de Grohmann (2005), sobre as influências de um curso de pós-graduação na aprendizagem gerencial; de Macedo e Boava (2006), a respeito da essência do empreendedurismo; de Maisonnave e Rocha-Pinto (2008), acerca da percepção de gestores sobre a gestão da inovação; de Paiva (2005), sobre o fenômeno empreendedor; e de Silva, Rebelo e Cunha, (2003), sobre a aprendizagem gerencial, que aplicaram a fenomenologia.

De uma maneira geral, pode-se afirmar que a escolha metodológica, seguida por um pesquisador(a) candidato ao título de mestre ou de doutor relaciona-se a alguns fatores comuns encontrados nesse processo. Os principais são: 1) a tradição seguida pela instituição à qual se vincula; 2) as premissas ontológicas e epistemológicas de sua supervisão; 3) o condicionamento ao qual foi submetido(a) durante a sua trajetória acadêmica e profissional. No âmbito das ciências sociais, mais particularmente dentro da área de administração, isso não é diferente. E pode-se afirmar, sem medo de errar, que a grande maioria das escolas de administração do país segue a linha positivista, com grande produção das pesquisas concentradas em dados quantitativos.

A decisão por uma abordagem qualitativa requer do pesquisador a defesa de seu

posicionamento de forma muito mais contundente do que teria que fazê-lo da maneira tradicional. Precisa enfrentar a desconfiança da tradição da instituição, que pode ver essa escolha como não alinhada com os pressupostos e crenças aos quais está acostumada. Dessa forma, o esforço do pesquisador para demonstrar o grau de credibilidade exigido sobre seu trabalho se torna uma tarefa muito mais árdua. Outro ponto, que também merece comentários, diz respeito aos conflitos internos que podem surgir no âmbito do pesquisador que, ao fazer uma escolha alternativa, pode se questionar se realmente tomou a decisão correta. Não há uma resposta correta a esses questionamentos. Apenas há a decisão do pesquisador de buscar aquilo que acredita ser o mais adequado, o caminho mais acertado a trilhar. A partir disso, tornar-se disposto a enfrentar os seus próprios modelos mentais.

A busca da *epoché* na fenomenologia e da saturação teórica na *grounded theory* representam um desafio ao pesquisador, em função do cronograma de pesquisa, uma incerteza, uma insegurança. Afinal, não dá para se estabelecer, *a priori*, a quantidade de entrevistas que serão necessárias até o momento da saturação teórica. É um método que demanda tempo e experiência do pesquisador, o que pode, eventualmente, explicar a sua baixa utilização, sobretudo em trabalhos de mestrado. Ademais, é possível perguntar: em que medida esse tipo de metodologia pode ser compartilhado entre vários pesquisadores? Essa dúvida se justifica na medida em que tanto o mergulho nos dados quanto a qualificação das categorias estarão impregnados da subjetividade; a mesma unidade de análise, no caso, o texto, pode ser apreendida e capturada de formas distintas, não apenas em seu sentido quanto em sua denominação. Seriam, portanto, métodos mais compatíveis com um vôo solitário? As possibilidades que se vislumbram seriam: a discussão compartilhada a respeito da essência ou da propriedade da categoria encontrada; o

exercício pleno da intersubjetividade; a “divisão de tarefas”: na fenomenologia, um pesquisador analisa, comenta, se encarrega da redução eidética, formula uma proposição que pode ser entregue a outro para elaboração de comentários ou contraposição às teorias já existentes. A redução fenomenológica se constitui, também, um desafio importante a ser enfrentado quando uma pesquisa é feita em pares ou grupo. Afinal, como cotejar duas ou várias visões diferentes de mundo a fim de que, ao final do processo, estejam suspensas as ideias preconcebidas a respeito do fenômeno sob investigação? ➤

Sandra Regina Rocha-Pinto

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
Professora assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
Endereço profissional
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Administração - IAG.
Rua Marques de São Vicente, 225 - Gávea
22453-900 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil
Telefone: (21) 21389200 Fax: (21) 21389273
Email: sanpin@iag.puc-rio.br

Angilberto Sabino Freitas

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Doutor em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
Professor Associado da Fundação Instituto Capixaba de Pesq. em Contabilidade, Economia e Finanças, Brasil
Endereço profissional
Fundação Instituto Capixaba de Pesquisa em Contabilidade, Economia e Finanças.
Av. Fernando Ferrari 1358 - Boa Vista
29075-505 - Vitória - ES - Brasil
Telefone: (27) 40044444
Homepage: www.fucape.br
Email: angilberto@iag.puc-rio.br

Paulo Roberto Maisonave

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Mestrado Profissionalizante em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil(2008)
Endereço profissional
Endesa Geração Brasil.
Praça Leoni Ramos 1 - São Domingos
24210-205 - Niteroi, RJ - Brasil
Telefone: (21) 25559866
Email: pmaisonave@endesabr.com.br

REFERÊNCIAS

AUERBACH, C. F.; SIVERSTEIN, L. B. **Qualitative data:** an introduction to coding and analysis. New York: New York University Press, 2003.

BANDEIRA-DE-MELLO, R.; CUNHA, C. J. C. A. **Operacionalizando o Método da Grounded Theory nas Pes-**

quisas em Estratégia: Técnicas e Procedimentos de Análise com Apoio do Software Atlas/TI. In: ENCONTRO DE ESTUDOS EM ESTRATÉGIAS 3ES, 1., 2003, Curitiba. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2003

BOAVA, D. L. T.; MACEDO, F. M. F. **Estudo sobre a Essência do Empreendedorismo. Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em administração.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PES-

- QUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 30., 2006, Brasília. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.
- BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Heinemann, 1979.
- CARVALHO, J. L. F.; VERGARA, S. C. A fenomenologia e a pesquisa dos espaços de serviços. **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 78-91, jul./set. 2002.
- CHARMAZ, K. **Constructing grounded theory: a practical guide through qualitative analysis**. Thousand Oak, CA: Sage, 2006.
- CHRISTOFI, V.; THOMPSON, C. L. You cannot go home again: a phenomenological investigation of returning to the sojourn country after studying abroad. **Journal of Counseling & Development**, Washington, v. 85, n. 1, p. 53-63, 2007.
- CORBIN, J.; STRAUSS, A. **Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory**. 3rd ed. Newbury Park, CA: Sage, 2008.
- CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions**. London: Sage, 1998.
- EMBREE, L. The continuation of phenomenology: a fifth period? **Indo-Pacific Journal of Phenomenology**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-9, Apr. 2001.
- FILSTEAD, W. J. **Qualitative methodology: firsthand involvement with the social word**. Chicago: Rand McNally College, 1970.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GILSTRAP, D. L. Phenomenological reduction and emergent design: complementary methods for leadership narrative interpretation and metanarrative development. **International Journal of Qualitative Methods**, Edmonton, v. 6, n. 1, p. 95-113, Mar. 2007.
- GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. Chicago: Aldine Pub., 1967.
- GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **Theoretical Sensitivity discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research**. Mill Valley: The Sociology Press, 1978.
- GOULDING, C. **Grounded theory: a practical guide for management, business and market research**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2002.
- GROENEWALD, T. A phenomenological research design illustrated. **International Journal of Qualitative Methods**, Edmonton, v. 3, n. 1, p. 1-26, 2004.
- GROHMANN, M. Z. Influências de um Curso de Pós-Graduação "Lato Sensu" na Aprendizagem Gerencial. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 29., 2005, Brasília. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2005.
- HEIDEGGER, M. **Being and time**. New York: Harper & Row, 1962.
- IDHE, D. **Experimental phenomenology: an introduction**. Albany: State University of New York, 1986.
- LAVERTY, S. M. Hermeneutic phenomenology and phenomenology: A comparison of historical and methodological considerations. **International Journal of Qualitative Methods**, Edmonton, v. 2, n. 3, p. 1-29, 2003.
- LEE, A. S. Integrating positivist and interpretive approaches to organizational research. **Organization Science**, Lincicum, v. 12, n. 4, p. 342-365, Nov. 1991.
- MELTZER, B. N.; PETRAS, J.W.; REYNOLDS, L.T. **Symbolic interactionism: Genesis, varieties and criticism**. London : Routledge, 1975.
- LOCKE, K. **Grounded theory in management research**. Thousand Oak, CA: Sage, 2001.
- MAISONNAVE, P.; ROCHA-PINTO, S. R. Em busca da *epoché*: uma pesquisa quantitativa como subsídio à redução fenomenológica. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 86-101, 2007.
- MAISONNAVE, P.; ROCHA-PINTO, S. R. Uma Análise Fenomenológica a respeito da percepção da Inovação nos Investimentos de Pesquisa e Desenvolvimento do Setor Elétrico Brasileiro. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.
- MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 237-248, jul./set. 1993.
- MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico de pesquisa**. São Paulo: Pi-oneira Thompson, 2002.
- MOREIRA, D. A. Pesquisa em administração: origens, usos e variantes do método fenomenológico. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 5-19, 2004.
- MORGAN, G.; SMIRCICH, L. The case for qualitative research. **Academy of Management Review**, Mississippi, v. 5, n. 4, p. 491-500, 1980.
- MOUSTAKAS, C. **Phenomenological research methods**. Thousand Oaks: Sage, 1994.
- PETRINI, M.; POZZEBON, M.; MEIRELLES, F. Incorporando Gestão da Sustentabilidade aos Sistemas de Inteligência de Negócios. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 31., 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.
- REMENYI, D. *et al.* **Doing research in business and management: an introduction to process and method**. London: Sage, 1998.
- RUBIN, H. J.; RUBIN, I. S. **Qualitative Interviewing: The art of hearing the data**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.
- SANDERS, P. Phenomenology: a new way of viewing organizational research. **Academy of Management Re-**

view, Ohio, v. 7, n. 3, p. 353-360, 1982.

SANTOS, L. L. S.; PINTO, M. R. Fenomenologia, Interacionismo Simbólico e *Grounded Theory*: um possível arcabouço epistemológico-metodológico interpretacionista para a pesquisa em Administração? In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 29., 2005, Brasília. **Anais...** Brasília: ANPAD, 2005.

SILVA, A. B.; REBELO, L. M. B.; CUNHA C. J. C Aprendizagem de gerentes: a perspectiva da experiência vivida. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 27., 2003, Atibaia. **Anais...** Atibaia: ANPAD, 2003.

SCHMITT, R. Husserl's transcendental-phenomenological reduction. In: KOCKELMANS, J. J. (Ed.). **Phenomenology**. New York: Doubleday An-

chor, 1967. p. 58-68.

VAN MAANEN, J. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. **Administrative Science Quarterly**, Ithaca, v. 24, n. 4, p. 520-526, Dec. 1979.

VAN MANEN, M. **Researching lived experience**: human science for an action sensitive pedagogy. London: The State of New York, 1990.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

